HVMANITAS

[Recensão a] Castro, D. João de - A Aurora da Quinta Monarquia (1604-1605)

Autor(es): Pinho, Sebastião Tavares de

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/27391>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718_64_17

Accessed : 26-Apr-2023 11:29:24

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

humanitas

**Vol. LXIV
2012**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

dos excessos que um poder ilimitado pode oferecer-lhe impunemente, transformando-o num monstro tirânico” (p. 98).

Os dois últimos artigos concentram-se na era cristã. Laetitia Ciccolini inscreve o *pudor* cristão na linha da *temperantia* clássica, ao afirmar que “na vergonha, os autores cristãos vêem também, tal como os pagãos, a contenção que permite evitar a falta” (p. 104). Na mesma senda, Jacques Elfassi defende que o julgamento divino não substitui simplesmente o julgamento colectivo, tão importante na época clássica, e conclui: “o julgamento divino, sendo totalmente inacessível ao homem, não pode deixar de ser concebido segundo os critérios da sociedade em que se vive” (p. 126). Sem prejuízo de apresentarem as inovadoras conotações do *pudor* em correlação com noções específicas como ‘pecado’, ‘penitência’ ou ‘conversão’, Ciccolini e Elfassi empenham-se em deixar clara a continuidade que é possível traçar entre o conceito cristão e o seu predecessor clássico, conforme ele é tratado anteriormente na colectânea.

Em conjunto, os sete trabalhos que compõem este volume fornecem uma límpida, transversal e muito bem estruturada análise do conceito de ‘vergonha’, partindo do campo lexical e passando pela evolução cronológica, do Principado à era cristã. De acordo com a promessa inicial dos editores (p. 7-8), o estudo é sistematicamente desenvolvido com base em muitas e variadas fontes, e não a partir de uma definição prévia e moderna do conceito. A colectânea cumpre assim o objectivo final do estudo de um conceito antigo: reunir fundamentos para, como os Romanos acreditavam, aprender com o passado e, por emulação ou por distanciamento crítico, legar exemplos positivos à posteridade.

CARLA SUSANA VIEIRA GONÇALVES

CASTRO, D. JOÃO DE, *A Aurora da Quinta Monarquia (1604-1605)*, Introdução e edição de João Carlos Gonçalves Serafim, supervisão científica de José Adriano de Freitas Carvalho. Porto, co-edição CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória” (ISBN: 978-989-8351-10-4) e Edições Afrontamento (ISBN: 978-972-36-1186-1), 2011, 496 pp.

O Doutor João Carlos Gonçalves Serafim traz aqui a público, sob a forma de transcrição e edição diplomática, uma obra das mais representativas do

género profético, diretamente envolvida no movimento político-messiânico português do chamado sebastianismo, como se declara no seu título completo: “A Aurora / Da Quinta Monarchia, que ha / de ter a Christandade na Conquista / Universal do mundo; de que hão / de ser as prinçipaes <Cabeças> / Quatro Reys, sendo hũ d’elles El / Rey Dom Sebastião, coroad / por Emperador: com / outros muitos Príncipes, / e Potentados, futuros / Conquistadores / Repartida em çinco livros / segundo os diversos propositos. / *Composta por Dom João de Castro / Paris: 1604-1605*”.

O editor faz preceder este seu trabalho de uma Introdução em que descreve as primeiras manifestações da literatura profética em Portugal anteriores à data deste livro. Evoca as escassas referências de Fernão Lopes, as Trovas do Bandarra, que lhe servem de reiterada inspiração à *Aurora da Quinta Monarquia*, e o nome do “sapateiro santo” Simão Gomes; mas dá particular relevo aos fatores que propiciaram a tradição deste género literário, sobretudo no período entre o desastre de Alcácer Quibir e o fim do domínio espanhol, em que emerge a figura do Prior do Crato como tentativa frustrada de preservar a independência de Portugal e cujo insucesso acabou por abrir o caminho ao mito soteriológico de D. Sebastião sempre vivo e “Encoberto”, que havia de voltar um dia para salvar a Pátria.

Gonçalves Serafim considera que o escritor que mais contribuiu para o fomento e alimentação literária desta esperança e profecia foi D. João de Castro, que herdara o nome do antigo vice-rei da Índia seu avô e que combatera e ficara prisioneiro em Alcácer Quibir e, depois de resgatado, seguira o partido do Prior do Crato, com quem, todavia, se viera depois a incompatibilizar por ver nele falta de qualidades de chefia. Foi na sequência deste facto que D. João de Castro acabou por “inventar” a ideia de D. Sebastião continuar vivo, sobre a qual escreveu, no seu exílio em terras de França, uma grandiosa e variada obra, em grande parte ainda inédita e entre a qual se destaca a *A Aurora da Quinta Monarquia*, escrita entre 1604 e 1605.

Trata-se de um texto volumoso, dividido em quarenta e nove capítulos contínuos agrupados em cinco livros, e cujo conteúdo vaticina uma profunda transformação tanto da Cristandade em geral sob a égide de um Papa Angélico, como da estrutura política do mundo inteiro, em cuja conquista o rei D. Sebastião será chamado a exercer o papel de verdadeiro Imperador.

Para fundamentar as suas profecias, D. João de Castro inspirou-se em abundantes textos de vária proveniência, adaptando-os ao seu objetivo: da Bíblia, em particular dos profetas e do Apocalipse; da Patrística e de

muitos outros escritores cristãos; das profecias do abade Joaquim de Flora, entre muitos mais. E não faltam na sua *Aurora* repetidas transcrições de autores portugueses, entre os quais figuram com especial insistência o já referido Bandarra, sapateiro de Trancoso, e o Beato Amadeu, a cuja *Apocalypsis Nova* – obra de género afim e igualmente inédita e há mais de quinhentos anos, mas agora prestes a ser também publicada, em edição bilingue latino-portuguesa – D. João de Castro se refere algumas dezenas de vezes e lhe dedica por inteiro os capítulos 38, 39 e 40 da sua *Aurora da Quinta Monarquia*.

SEBASTIÃO TAVARES DE PINHO

DIOGO DE PAIVA DE ANDRADE, *Antologia*. Organização e Tradução de António Guimarães Pinto, Lisboa, Esfera do Caos, 2011, 658 pp. ISBN 978-989-680-042-0

António Guimarães Pinto habituou-nos já a um nível regular de tradução de textos de qualidade, importantes para o estudo da cultura portuguesa do séc. XVI, textos injustamente esquecidos, ora pelo crescente desconhecimento da língua latina entre nós, ora pelo preconceito ideológico de que poderão ser vítimas

Desta vez, é mérito da Esfera do Caos, na série Novilatina, a edição de uma antologia de textos do grande humanista português, Diogo de Paiva de Andrade, teólogo formado na Universidade de Coimbra, que participou na última fase do Concílio de Trento, onde impressionou e alcançou prestígio. Projectado no cenário europeu, manteve o debate teológico e doutrinal com figuras do pensamento reformista da Europa e conheceu e relacionou-se com figuras de relevo do mundo católico de então.

Como o autor e tradutor desta antologia afirma na Introdução, este trabalho, que o leitor pressente feito com paixão e gosto, pretende conceder justo lugar de relevo a uma figura injustamente esquecida, que no seu tempo prestigiou o seu país no contexto europeu. Para o fazer, Guimarães Pinto concede a primazia da voz aos textos que selecciona, traduz e edita, deixando ao leitor o juízo crítico e a ponderação.

Uma introdução de 25 páginas prepara a leitura com um detalhado e bem documentado percurso biográfico do humanista onde se revelam de particular interesse os dados que no-lo apresentam na sua relação com as